

Incesto: o corpo roubado*

Juan Eduardo Tesone**

Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo.

Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos.

Fgto. 148, p.164

Ver é estar distante. Ver claro é parar.

Analisar é ser estrangeiro.

Fgto. 83, p.113

Fernando Pessoa (Bernardo Soares),
*Livro do desassossego.*¹

Eurídice, como chamarei esta paciente, não deixa o inferno das prisões da ditadura argentina por graça de Orfeu, mas sim pelo que os militares chamavam eufemisticamente de “a opção”; ou seja, que havendo sido considerada prisioneira política do regime e padecido no cárcere, sem julgamento nem sentença, dava-se-lhe “a opção” de continuar presa ou ser expulsa do país para um destino distante. Foi assim que chegou a Paris: catapultada do cárcere de uma província argentina. Se me permitem, direi que, por sua sorte, havia sido encarcerada nos meses que precederam o golpe militar de março de 1976, o qual lhe valeu constar dos registros do cárcere, condição que, talvez, lhe tenha permitido escapar ao trágico destino de “desaparecida”. Havia passado três anos no cárcere, entre os dezessete e os vinte anos de idade. Seu “crime” consistiu em colocar cartazes contra o regime político do momento, pelo que foi considerada “subversiva”, de acordo com a lexicografia da época. Por orientação de um grupo de ajuda, foi-me encaminhada ao serviço hospitalar de Paris no qual eu trabalhava, onde teve lugar a primeira entrevista.

Após um curto período de atendimento face a face no meio institucional, seguiu-se uma análise que durou vários anos e cujo eixo foram as experiências traumáticas que atravessaram a sua vida. Seu estado físico deplorável ao sair da prisão deixava entrever, no entan-

to, os seus delicados traços femininos quase adolescentes, uma identidade sexual duramente castigada pelos anos de prisão. Desde seu encarceramento, uma anorexia, que potencializou a queda de cabelos, e uma amenorréia crônica expressavam em seu corpo a intensidade do sofrimento padecido. Por razões óbvias de tempo, não farei o relato de uma análise que durou vários anos. Limitar-me-ei a duas cenas traumaticamente entrelaçadas.

As condições do cárcere — a superpopulação, os maus-tratos, a repugnância pelo odor das latrinas que invadia a cela compartilhada com outras duas prisioneiras — faziam parte do relato do padecimento sofrido. Muito mais tarde, quando suas angústias persecutórias e de desconfiança transferencial se viram apaziguadas, ela relatou-me uma cena particularmente angustiante. Nunca a havia contado a ninguém, esclareceu, talvez nem a ela mesma.

Balbuciando, com dificuldade para colocar em palavras o acontecido, contou-me que, em certa ocasião, estando na cela, introduziu-se em seu interior um oficial do Exército. Nem a presença de suas companheiras nem a sua própria resistência puderam impedir que o militar penetrasse digitalmente em sua vagina. O acontecido chegou aos ouvidos do chefe da prisão, um militar de maior patente, que não encontrou melhor modo para, supostamente, averiguar o ocorrido do que organizar um interrogatório entre Eurídice e o oficial violador. No entanto, diante daquele sinistro personagem, e na presença de seu superior, não conseguiu fazer-lhe a menor acusação. Primeiro, porque, obviamente, temia por sua vida e pelas represálias do violador; segundo, e o diz entre soluços, sufocada, porque, no momento da penetração, tinha sentido prazer... E tal prazer a envergonhava e invalidava, na sua vivência, seu direito a denunciá-lo. Reprovava a si mesma, ou melhor, reprovava o seu corpo por havê-la traído, haver-se entregue à violência libidinal do carcereiro, personagem detestável e a quem odiava. Essa experiência produziu-lhe um sentimento de estranhamento, quase um momento psicóti-

* Trabalho apresentado na 2ª Cowap European Conference on Incest, IPA, Lisboa, 21 e 22 março de 2005.

** Membro da Societé Psychanalytique de Paris e da Asociación Psicoanalítica Argentina. Full member da IPA. Docente da Universidade de Paris VI. Professor de Psicoanálisis de la Universidad Atlántida, Argentina. Professor da Uces, Buenos Aires.

¹ Fernando Pessoa. *Livro do desassossego*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1998.

co de desdobramento de sua personalidade. Essa cena, traumática por si mesma, revelar-se-á mais tarde, não exatamente como recordação encobridora, mas como uma vivência de repetição: em sua vida, em mais de uma ocasião, Eurídice não pudera dispor livremente de seu corpo. Um corpo que lhe havia sido roubado de maneira repetitiva.

Desde os três anos e até os seis ou sete, aproximadamente, o avô materno abusara sexualmente dela, na forma de *fellatios* e carícias. Desde aquela época, ela não podia tratar os dentes, e as múltiplas tentativas de confiar a sua boca a um ou outro dentista resultavam em crises de angústia expressas em forma de gritos e choros. Seus pais, separados, e em particular a mãe, com quem vivia, nunca tiveram a menor suspeita do que ocorria. Eurídice nunca pôde contar o que aconteceu nem acusar seu avô. A repugnância, associada a uma “estranha excitação”, fazia com que, retrospectivamente, odiasse o próprio corpo. Naquela ocasião, “a opção” também se colocava como de vida ou morte. Não tanto de morte física, como no cárcere, mas, sim, de morte psíquica. Apesar do terror que lhe inspirava, pôde, a partir de certa idade, afastar-se das práticas perversas às quais era compelida pelas ameaças de seu avô materno.

Neste breve duplo relato do traumático aparece, em filigrana, como a excitação gerada no corpo da menina abusada pela efração da excitação provinda do exterior, sem consentimento nem desejo, produz um efeito traumático. Tal corpo, que responde de maneira incontrolada à excitação externa, converte-se, ele mesmo, em um corpo externo, em um desdobramento do Eu. Esse corpo, que a fez sentir coisas, é e não é o seu corpo. No entanto, a excitação produzida não a faz ser desejante, pois é uma sensação des-subjetivante. Trata-se de uma violência agregada à violência da penetração, quer seja oral, como em sua infância, quer seja vaginal, como no cárcere. Não intervém o desejo, é uma excitação roubada, é uma fraude, pois dispara a excitação pulsional sem o consentimento do sujeito. O ápice do trauma “é esse encontro bruto e brutal com um acontecimento des-simbolizante que não permite mais que o sujeito assegure sua continuidade vital” (Assoun, 1999). O corpo adquire, assim, um caráter de extraterritorialidade, com um foro próprio que requer ser castigado. É triplamente traumático: pela efração e sobrecarga do fato em si mesmo, pela excitação alienante produzida sem consentimento nem desejo e pela experiência de des-subjetivação. É um gozo associado à pulsão de morte, desligamento das pulsões que desestrutura e aniquila a capacidade desejante. O inimigo torna-se não apenas o abusador, mas também o próprio corpo vivido com vergonha e até com despre-

zo. É o corpo abusado que “merece” castigo, por havê-la feito sentir excitação, apesar de si mesma. Uma excitação não metaforizada, pura carga, misturada com angústia, porém, sempre excitação. O prejuízo se faz corpo... no corpo.

Outra paciente, a que chamarei de Danaides, pois comia de maneira insaciável, maltratava o seu corpo com comida, forma de castigo oral que a necessidade de flagelar o corpo pode tomar. Quando criança, ela sofrera incesto por parte do pai, na forma de masturbação recíproca. Sua mãe, a quem tinha tentado contar o sucedido, a chamara de mentirosa, desqualificando seu relato, e, sobretudo, a sua própria percepção do ocorrido. Danaides desenvolveu uma espécie de fobia ao próprio corpo, que praticamente não podia ver nu diante do espelho. Ainda que à época das consultas fosse casada e mãe de uma menina, havia nove anos não tinha relações sexuais com seu marido nem com nenhum outro homem, e, apesar de residir em uma cidade da costa, nunca ia à praia. Eventualmente, caminhava pela areia, sempre vestida com longas túnicas, que envolviam seu corpo disfarçado pela gordura e pela roupa que escolhia usar. Evitava todo olhar masculino, ante o menor sinal de se confrontar com um olhar desejante. Diria que Danaides convivia, dolorosamente, com um corpo que supunha ser o seu, mas que temia a todo instante que a traísse. Para ela, o seu casamento havia se convertido em uma situação enclausurante da impotência infantil, quando não podia escapar da opressão paterna; contudo, diferentemente de sua infância, tinha a “vantagem” de nenhum vínculo sexual despertar sensações em seu corpo. Paradoxo paralisante, escapando, assim, ao império de uma sexualidade vivida traumáticamente que conservava ao mesmo tempo o seu pai como *partenaire* imaginário. Sua vivência de vergonha diante do olhar de um outro a humilhava, no entanto essa mesma vergonha lhe permitia situar-se em relação ao seu ideal manchado; o fato de senti-la era a prova de que seguia existindo como sujeito (Assoun, 1999).

Quando um pai incestuoso se serve do corpo de sua filha para obter um certo tipo de gozo, simultaneamente, nega-lhe a sua condição de menina separada de seu pai. Em uma relação, que definiria como narcisista-onipotente, o pai (ou a mãe, eventualmente) abusa da menina ou do menino neste sentido: nega-lhe o seu estatuto de sujeito. O ato incestuoso nega a incompletude. É uma tentativa desesperada de evitar a confrontação — a que está sujeito todo ser humano — com a ambivalência e a perda do objeto. O incesto busca a ausência de conflito, tentando apagar o conflito com o Eu, que supõe a existência de um outro irredutível.

Se Derrida nos lembra que a falta não falta nun-

ca, para o pai abusador, pelo contrário, pode não haver falta.

O homem incestuoso não busca integrar uma bissexualidade psíquica sempre conflitiva; pelo contrário, para ele, a sexualidade e a diferença dos sexos são a-conflitivas.

Estamos aqui muito longe da concepção de Freud, que parecia admitir em todo ato sexual a implicação de quatro pessoas (Freud, carta a Fliess de 1º de agosto de 1899) em alusão à bissexualidade psíquica. No caso que nos interessa não se pode nem sequer abordar a implicação de duas pessoas, tendo em vista que o outro não existe. Se aceitássemos, como propunha Lacan (1970), a idéia de que “a mulher, não sendo toda”, “não tem (portanto), relação sexual”, poderíamos dizer que o homem incestuoso busca uma relação sexual “complementária”, pois, em busca de uma completude, quer a mulher toda para si.

O pai incestuoso gostaria de apreender a feminilidade através do ato incestuoso, apropriar-se dela por intermédio de uma atividade pretensamente masculina colocada a serviço da negação da diferença dos sexos e das gerações. Em outras palavras, o pai incestuoso, não assumindo a castração simbólica, busca a completude, porque teme que o rompimento narcisista provoque seu desmoronamento. Teme que a sexualidade da menina faça surgir sua própria sexualidade infantil com o efeito traumático concomitante; a menina sendo, então, vivida como a lente de aumento da sexualidade pré-genital em sua dimensão feminina não integrada do pai.

Para tentar alcançar seus fins, não vacila em demolir o desejo e, por fim, o pensamento da menina, deixando-a em um estado de desestruturação psíquica, conseqüência inevitável dos traumatismos cumulativos aos quais é submetida. A criança, mediante uma forma de hipnose, é compelida à imobilização paradoxal; seu silêncio reflete, talvez, o vazio representacional no qual é aspirado. O Eu narcísico do pai incestuoso engloba o outro concebido como uma mera extensão de si-mesmo. O desejo de um não é compatível com o desejo do outro. Em sua “utopia totalizante”, o pai incestuoso vivencia-se como dono do tempo e da morte. Querendo abarcar a menina em sua rede, ignora que, por essência, seja o outro fantasmático ou real, entra em relação conflitiva com o Eu. O Eu do pai incestuoso agarra em sua rede o outro, porém, ao fazê-lo, o desvitaliza.

A “relação” sexual incestuosa não deixaria de ser um equivalente masturbatório, pois a sexualidade permanece auto-erótica na medida em que o outro é como se não existisse. Poder-se-ia falar de um auto-erotismo an-objetal. Esse tipo de auto-erotismo se diferencia por um lado do auto-erotismo de tipo objetal descrito por Bokanows-

ki (1993), caracterizado por seu valor de ligação e de libidinização e que se viu previamente beneficiado da relação do sujeito com o objeto. E, por outro lado, diferencia-se do auto-erotismo anti objetal, este desprovido da capacidade de ligação e de relibidinização.

No caso do incesto o objeto está presente, entretanto não adquire um estatuto de sujeito, mas, sim, de objeto parcial em forma de apêndice narcísico. É ainda mais mortífero que no auto-erotismo anti objetal, dado pelo aporte incessante de excitação não elaborada pela criança.

A menina, narcisisticamente seduzida pelo pai, funde-se no corpo paterno. O mito do Uno, quer dizer, da ilusão de ser um ser todo-poderoso e sem falhas, é o fantasma comum nos pais abusadores. Sua descendência não existe, a não ser no interior desse Eu, que se pretende grandioso. O menino ou a menina não tem outro valor, senão o de apêndice narcísico.

A intenção do pai abusador poderia ser traçada como um triângulo cujos vértices não fecham, incluído em uma circunferência circunscrita. Em sua utopia expansionista, o pai abusador tenciona apagar os vértices do triângulo, englobando-o em sua megalomania do Uno. Entre o pai abusador e a menina não existe uma relação de si-mesmo a um outro (que desaparece), e, sim, de si-mesmo a si-mesmo (Tesone, 1998).

O adulto abusador, em lugar de ser o suporte da lei exogâmica, intenta ser o fazedor da lei, contudo, de uma lei negativa, endogâmica, em que se apresenta como um ser todo-poderoso e sem falhas a quem tudo pertence. Nega à menina seu estatuto de sujeito — separada de seu pai. É freqüente encontrar como estrutura psíquica a perversão narcisista, na qual a perversidade tem por objeto a desvalorização da existência da realidade psíquica do outro, apontando no sentido de destruí-la, reduzi-la, rebaixá-la e negando toda conflitualidade interna, anexando o outro a seu narcisismo. Busca uma dupla imunidade: com relação a seus conflitos internos e com relação ao objeto. Faz como que uma negação preventiva ontológica da existência do outro. A forclusão psicótica ou a desvalorização perversa estão freqüentemente em jogo, dando ao outro o valor de um objeto fetichista inanimado. É assim que as pulsões de destruição parecem jogar o papel de último recurso, buscando neutralizar o objeto, englobando a realidade que o rodeia na mesma devastação.

Ferenczi (1932), em seu famoso artigo sobre a confusão de linguagens entre a criança e o adulto, sublinhou, precisamente, que a confusão provém do fato de que o adulto responde ao pedido de ternura da criança com a linguagem da erotização. A primeira reação da criança, diz Ferenczi, seria a repulsa, o ódio, o asco, uma

resistência violenta; no entanto, quando a coerção persiste, e por introjeção do agressor, este último desaparece como realidade exterior. O agressor não sente culpa, pois a projeta na criança, e a criança, ao introjetar o sentimento de culpabilidade, que é evacuado pelo adulto, reclama por castigo. Não raro, esse castigo é exercido no próprio corpo, o qual, através de uma clivagem do ego, é responsabilizado por haver tido experiências de excitação, apesar da repugnância do ato. É freqüente que crianças que tenham vivido relações incestuosas sofram de transtornos de alimentação como Eurídice e Danai-des, repetidos acidentes com fraturas, ou, inclusive, francas tentativas de suicídio, como expressão de uma necessidade de castigo interno. Ferenczi afirma que os pais e adultos podem ir muito longe em sua paixão erótica por crianças, e sugere, como hipótese da amnésia consecutiva a esse tipo de trauma, uma “psicose passageira”, como primeira reação ao choque, concebida como “uma ruptura com a realidade, por um lado em forma de alucinação negativa, e por outro em forma de compensação alucinatória positiva imediata que oferece a ilusão de prazer”. Gera-se “uma clivagem psicótica de uma parte da personalidade que permanece secreta”, induzindo “uma autodestruição psíquica”, que busca, paradoxalmente, proteger a emergência da angústia, e condena a um sofrimento mudo.

A efração do quantitativo, do perceptual pulsional, induz um dano qualitativo ainda mais devastador, sobretudo se o incesto tiver sido repetitivo no tempo, atuando por traumatismos cumulativos que impregnam o psiquismo da pulsão de morte.

Produz-se um triplo efeito traumático: 1) o traumático do excesso da carga; 2) a desqualificação perceptual freqüentemente associada (o adulto diz à criança que o incesto não é um incesto, quer dizer, nega o caráter de gravidade do ato); 3) pelo ato mesmo do incesto, a criança é convertida em órfã (o pai e/ou a mãe continuam sendo os genitores biológicos, porém apagaram a função simbólica paterna e/ou materna). O efeito traumático pode ser visivelmente imediato ou enquistar-se e fazer efeito muito mais tarde como uma verdadeira bomba-relógio.

Da teoria da sedução à sedução traumática: incesto (Tesone, 2001)

Seductio — a palavra latina indica separação, subterfúgio, solicitude, e nos lembra, muito justamente, Michèle Bertrand (1986), que se interroga: através de que percurso caprichoso a sedução chegou a significar a atração ou a fascinação que um objeto ou um ser consegue exercer a tal ponto que não se lhe pode resis-

tir? Ou tem a ver, neste chamado que vem de fora, com uma intrusão, uma efração que divide o homem dele mesmo?

Na primitiva teoria da sedução, o sujeito infantil padecia, passivamente, de uma cena real na qual era submetido, por um adulto, a abuso sexual. Essa teoria, elaborada por Freud entre 1895 e 1897, atribuía à recordação de cenas reais de sedução um papel determinante na etiologia das neuroses, como é bem sabido.

Falar da teoria da sedução não implica tão-somente reconhecer uma função etiológica importante das cenas chamadas de sedução, no que produz o traumatismo, mas torna-se preponderante para explicar a origem do mecanismo de repressão. O efeito traumático requer duas cenas separadas durante a puberdade. O primeiro tempo da sedução propriamente dita é uma cena na qual o sujeito não pode integrar a experiência; essa cena é reprimida. Apenas em um segundo tempo uma segunda cena, não necessariamente sexual, porém ligada, associativamente, à recordação da primeira, produz sua evocação. A recordação provoca um efeito maior do que o próprio incidente, em virtude do afluxo de excitações desencadeado pela recordação. É sabido que Freud descobre mais tarde que as cenas de sedução são freqüentemente o produto de reconstruções fantasmáticas, descobrimento correlativo à psicosexualidade infantil, e à perspectiva do complexo de Édipo.

Na carta de 21 de setembro de 1897, escrita a Fliess, Freud insistirá sobre a importância da realidade psíquica. É o “après coup”, a ressignificação *a posteriori*, que dará a verdadeira dimensão traumática à primeira cena. Três semanas depois dessa carta, Freud dá seu primeiro enunciado do complexo de Édipo (carta de 15 de outubro de 1897). Nessa renúncia, que se revelará parcial, o caminho ficará aberto à aparição de conceitos cruciais como o de fantasma e de psicosexualidade infantil. No entanto, ele não abandona completamente a teoria da sedução, como deixa preciso em *Fragmentos de uma análise de histeria* (Dora, 1905). Em uma nota de rodapé, Freud dirá que “fui mais longe nesta teoria sem abandoná-la, quer dizer que a declaro hoje não tão falsa quanto incompleta”.

Não devemos confundir, contudo, como faz Mas-son (1984), entre os fatos reais de sedução que as crianças podem ter padecido e a teoria da sedução propriamente dita, andaime teórico destinado a explicar a emergência da sexualidade e o mecanismo de repressão. Como sublinha Laplanche (1986a), esse livro “cujo título se refere à supressão (em inglês), ou ao abandono da teoria da sedução, ignora até a primeira palavra da referida teoria”.

Freud (1931) dirá, em *Novas conferências*, que a se-

dução materna, mediante os cuidados oferecidos à criança, é um fato universal: “Foi efetivamente a mãe quem, na realização dos cuidados corpóreos, provocou e, quem sabe, despertou pela primeira vez sensações de prazer no órgão genital”. Sua manifestação cultural mais clara é encontrada em algumas tribos africanas, nas quais, durante o primeiro ano de vida, as mães massageiam com óleo todo o corpo da criança.

Laplanche (1986a) propõe uma teoria da sedução generalizada, posicionando a mãe (e nesse sentido retoma Freud, como bem sublinha Green) no lugar de agente da sedução originária, ou da sedução precoce, em virtude dos cuidados do corpo que incluem a lactação e o contato estreito entre o corpo da mãe e o da criança. Trata-se de uma sedução necessária, diz Laplanche, inscrita na própria situação. A partir dessa perspectiva teórica, Laplanche (1986b) propõe uma reinterrogação sobre a parêntese atividade-passividade e sublinha que

a passividade e a atividade não se definem nem pela iniciativa do gesto, nem pela penetração, nem por uma atitude do comportamento. A passividade é dada pela inadequação em simbolizar o que sobrevive em nós por parte do outro. A passividade da sedução geradora do trauma interno não é a passividade gestual ou do comportamento. A criança que olha avidamente a cena originária é tão passiva, no sentido de Spinoza, quanto aquele que é masturbado por sua mãe, na medida em que há uma inadequação fundamental de sua compreensão à mensagem proposta.

Pelo termo “sedução originária, Laplanche entende a situação fundamental na qual o adulto propõe à criança significantes não-verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes, e os chama de *significantes enigmáticos*. E agrega: “O seio, órgão aparentemente natural da lactância, podemos ainda ignorar seu investimento sexual e inconsciente maior por parte da mulher?”. Da mesma maneira, a cena primária é, ela mesma, sedução originária, uma vez que impõe imagens, fragmentos de argumentos traumatizantes, inassimiláveis porque parcialmente obscuros para os próprios atores. Laplanche inclui, na sedução, situações ou comunicações que não constituem, em absoluto, um abuso e considera que “o enigma, aquele cuja significação é inconsciente, é sedução em si mesmo”.

Assim como em um trabalho anterior (Tesone, 1994) havia sustentado — de acordo com Racamier — que o incesto não é o Édipo, mas, sim, o seu contrário, remarco agora que as violências sexuais que uma criança pode padecer por parte de um adulto não fazem parte da teoria da sedução, sendo importante diferenciá-las.

A teoria da sedução generalizada, desenvolvida por Laplanche, e que Freud havia antecipado, é constituinte e fundante da psicosexualidade, da repressão e estimulante da capacidade de representação. Quando a sexualidade do adulto irrompe no corpo da criança forçando por efrase a barreira de para-excitação, o adulto perfura o envoltório representado pelo Eu-Pele e provoca uma vivência traumática com conseqüências psíquicas de grave potencial patogênico. Estamos muito longe da teoria da sedução entendida como constitutiva do aparato psíquico. No caso de abuso sexual, diria que os significantes não são tão enigmáticos como no caso da sedução originária; ao contrário, estão demasiadamente carregados de significação. Trata-se de uma significação que chega do exterior, constituindo um *demasiado cheio de significância*, fonte de violência. Penso, e nesse sentido me afasto da concepção de Laplanche (1986a), que a violência não consiste tanto na necessidade de tradução que se impõe à criança, mas, sim, na necessidade que ela terá de desconstruir esse *plus de sentido* que não lhe pertence por completo. O enigma é um sentido a construir, a revelar. *O significado inoculado pelo pai incestuoso da criança será um sentido a desconstruir*. O pai incestuoso inscreve uma marca na topologia da superfície corporal da criança, modificando dramaticamente o curso de sua organização libidinal, e induz uma sobrecarga pulsional que dilacera a barreira de para-excitação. O quantitativo adquire um valor qualitativo. Em *Etiologia da histeria* (1896), Freud afirma a respeito de cenas de agressão sexual: “Na realidade, sobreveio uma transferência da enfermidade, uma infecção na infância” por parte do adulto. A imagem é forte e destaca, me parece, a idéia de invasão, assalto e permanência de algo do abusador no abusado que ultrapassa o efeito traumático causado pela sobrecarga de estímulos. Além do aspecto puramente econômico em face da sobrecarga pulsional que se exerce na criança, há uma sobrecarga semântica, um *plus de significância* que mais tarde será necessário desconstruir para não permanecer aprisionada na geografia libidinal que lhe impõe o agressor. Embora a criança não seja uma *tábula rasa*, na qual o pai incestuoso imprime suas pulsões, o curso de sua organização libidinal pode ver-se orientado a seu pesar. O ato incestuoso não libidiniza o corpo da criança, assim como o fazem as carícias parentais da sedução primária; ao contrário, o incesto o congela, o petrifica, o impregna da pulsão de morte, marca traçada com uma punção que o impele à compulsão, à repetição.

Na sedução primária as carícias são portadoras da pulsão de vida, e tendem a ligar as pulsões parciais, dando à criança a possibilidade de esboçar movimentos integradores de um Eu corporal rudimentário. Na sedu-

ção traumática, predomina a pulsão de morte que, em lugar de favorecer a integração pulsional, induz a uma função que Green (1993) denomina “a função des-objetalizante da pulsão de morte”. A criança não tem um estatuto de sujeito, e sim de objeto parcial. A sexualidade, externa-interna, não se torna fonte de vida e de ligação, mas um objeto persecutório mortífero responsável pela desunião das pulsões e do pensamento.

Se a pulsão de morte é des-objetalizante para o outro, também o é, simultaneamente, para o sujeito do qual emana. Quanto mais sente seu Eu ameaçado por um narcisismo vacilante e que fraqueja, mais deseja dominar o objeto como uma tentativa desesperada de dar uma precária unidade. E aqui a clínica coloca a seguinte pergunta à teoria psicanalítica: o objeto da pulsão é sempre contingente?

Em *Pulsões e destinos da pulsão*, Freud (1915) afirma que “o objeto é o mais variável na pulsão”, e, mais adiante, agrega que o objeto “pode ser reinvestido à vontade ao longo dos destinos que conhece a pulsão”. Green (1996), no entanto, pensa que Freud não propôs um sistema fechado que negasse a importância do objeto. No caso particular do incesto, o menino ou a menina não tem um estatuto de sujeito, e sim de objeto parcial das pulsões parciais do pai abusador, e, nesse particular vínculo incestuoso, a criança-objeto parcial me parece não ser contingente para as pulsões parciais do pai abusador. A problemática narcísica, tão freqüente nos pais incestuosos, requer como objeto parcial aquele que se aproxima mais do ponto de vista de sua exigência narcísica, ou seja, seus próprios filhos, como pseudópodos, como emanação narcísica, que os situa entre uma parte de seu próprio corpo e um objeto externo. O objeto da pulsão, em tais casos, não me parece contingente, exige um laço de filiação, via deslocada da libido narcísica. Os pais incestuosos não entram na qualificação geral de pedofilia, eles constituem uma categoria particular de perversão na qual o objeto de suas pulsões deve ter uma relação necessária de filiação.

E por que falo de pulsões e não falo de amor ou eventualmente de ódio, uma vez que se trata de relações entre pais e filhos? Bem, justamente porque creio que, nesse reino da pulsão parcial, não se pode falar nem de amor nem de ódio. A criança não é um objeto contingente, é apenas um objeto necessário para o frágil andaime narcísico do pai abusador. O vínculo incestuoso nega a existência da criança como separada dos pais. O pai incestuoso não libidinizava o menino ou a menina: ele vampiriza sua sexualidade nascente, pretende controlar na criança o que não consegue sintetizar em sua própria organização libidinal, quer dizer, sua própria anarquia pulsional, e a ameaça por ela imposta ao seu narcisismo

e à sua expansão se mostra tão grandiosa quanto precária é a sua estrutura narcísica. Por todos os meios, o abusador nega a primazia do genital e pretende ignorar a angústia de castração que quer evitar a qualquer preço. Em um trabalho anterior (Tesone, 1998), eu adiantava a hipótese segundo a qual “o homem incestuoso tenta fundir-se no corpo de sua filha, formar uno com ela, roubar-lhe a feminilidade nascente para possuir então os atributos dos dois sexos”. A criança que sofre incesto é uma criança desesperada, desamparada, tanto diante do mundo de suas pulsões como diante do mundo externo.

Voltemos ao sentido etimológico da palavra sedução — do latim *seducere*, ou seja, “separar” —, que, no caso da sedução traumática, adquire todo seu valor semântico. Na sedução traumática, e ainda mais no caso do incesto, a violência da intrusão na criança de uma sexualidade carregada de uma significação que não lhe pertence a separa de si mesma, a separa de sua condição de sujeito, a separa de uma função parental capaz de conter a própria pulsionalidade. Como requisito prévio para poder emergir como sujeito de desejo, a criança deverá *desconstruir o plus de significância*, afastar-se do gozo mortífero que o genitor incestuoso inoculou em sua sexualidade nascente. Que possa reencontrar a função simbólica parental que foi impedida pelos próprios genitores, em algum outro adulto que esteja em condições de assumi-la.

Entre a subjetividade desejante e o poder despótico

Em todo incesto há crime. Morte da alma, como diria Schreber (1903), que disso entendia, porém, concomitantemente, talvez *em todo crime haja uma dimensão incestuosa*, a qual põe o incesto em relação com a dimensão incestuosa de todo ato abusivo dos regimes despóticos, entre os quais a tortura. Creonte, em sua obstinação em não permitir a Antígona honrar seu sentimento fraterno, em sua violência política em nome da razão de Estado, não reivindica a mesma dimensão incestuosa de sua história familiar.

Antígona, em sua luta com seu tio tirano, busca recriar laços familiares nos quais reine a Lei simbólica, afastando, assim, o encadeamento infernal do incesto e do parricídio que permeia as distintas gerações.

Curiosa mistura a de Creonte, entre seu poder despótico em nome da cidade e sua concepção da função paterna. Por acaso não aconselha a seu filho Hemón, noivo de Antígona, que se rebelar ante o poder despótico de seu pai: “Eis aqui, filho meu, a regra que deves conservar no fundo de teu coração: estar sempre aí, atrás da vontade paterna”? Para tanto, era preciso manter afastada a mulher:

“É melhor”, diz Creonte, “sucumbir ao braço de um homem, de maneira tal que não venhas a dizer que estamos sob as ordens de uma mulher” (Sófocles, século IV a. C.). Como acentua Segal (1981), citado por George Steiner (1984): “O conflito entre Creonte e Antígona não opõe somente a *cidade* à casa, opõe também o homem à mulher. Creonte identifica sua autoridade política a sua identidade sexual”. E pergunto: Creonte deseja manter afastada a mulher ou o feminino no homem? Em todo caso, não foi matando Antígona e Ismênia que ele solucionou o conflito entre o feminino e o masculino... nele. Prenúncio, talvez, de sua própria morte.

Dispor do corpo do outro tem sido sempre o modo de manifestação dos sistemas totalitários, públicos, privados ou corporativos.

É casual que a paciente Eurídice associe as duas cenas, a do incesto com seu avô e a cena de abuso no cárcere? Não duvidamos do caráter violento do incesto do avô, todavia o carcereiro, ao violentá-la sexualmente, não transgredir ao mesmo tempo o embasamento de toda Lei simbólica, que é a proibição de incesto?

Os regimes despóticos objetivam instalar uma lógica jurídica (não costumam ser prolíficos de leis de todo tipo?) em detrimento da Lei simbólica. E qual é a Lei simbólica por excelência senão a Lei de proibição de incesto?

Em um dos versos Antígona se lamenta e exclama: “Pai, por que me abandonaste?”. E, como bem realça Lacan (1960), o suplício de Antígona consiste em estar encerrada, suspensa, na zona entre a vida e a morte. Sem estar ainda morta, está como que afastada do mundo dos vivos. Antígona identifica-se com Niobe, petrificada. Lacan sublinha que tal petrificação talvez seja a expressão da pulsão de morte. E não é dessa petrificação que sofre a criança abusada, impregnada da pulsão de morte por parte de seu pai, que no mesmo ato do incesto a abandona como filha? Que a exclui de uma filiação possível?

Para poder retornar à vida, a criança que sofreu incesto deve despojar-se da cultura de morte perpetrada por um pai incestuoso, lutar contra o poder despótico de um pai narcisista onipotente, expressão desesperada da tentativa de completude deste último, que se revela mortífero. A criança abusada deve desconstruir a sexualidade inoculada, afastar-se de um gozo mortífero, reapropriar-se de seu corpo, torná-lo finalmente seu. Guardando as distâncias, me permito perguntar: não se parece ao que tem que fazer os sujeitos diante de um estado despótico? Se me permitem a extrapolação, o porvir de nossas democracias é fruto de tal luta incessante. É nessa luta incessante para proteger-se do onipotente reino narcísico mortífero,

representado por todo poder que se excede, e a construção da subjetividade desejante, que radica talvez a verdadeira “opção”.

Tradução de Edoarda Paron Radvany.

Referências

- Assoun, P.-L. (1999). *Le préjudice et l'idée: Pour une clinique social du trauma*. Paris, Anthropos.
- Bertrand, M. (1986). La séduction dans la littérature psychanalytique. *Études freudiennes*, 27, 129-158.
- Bokanowski, T. (1993). Auto-érotisme et troubles de la sexualité. In A. Fine, A. Le Guen & A. Oppenheimer (Eds.). *Les troubles de la sexualité* (pp. 51-70). Paris: PUF. (Monographies de la Revue Française de Psychanalyse).
- Ferenczi, S. (1932). Confusión des langues entre adultes et enfants: Le langue de la tendresse et la pasión. In *XII Congresso Internacional de Psicoanálisis*, Wiesbaden. (Trad. castellana in *Problemas y Metodos del Psicoanálisis*, Buenos Aires, Paidós, 1966).
- Freud, S. (1887-1902). Lettres à W.Fliess. In M. Bonaparte, A. Freud & E. Kris (Eds.) *La naissance de la psychanalyse*. Paris, PUF, 1956.
- Freud, S. (1896). L'étiologie de l'hystérie. In J. Bissery & J. Laplanche. *Névrose, psychose et perversion* (pp. 83-112). PUF, Paris, 1973.
- Freud, S. (1905). Fragment of an analysis of a case of hysteria (Dora). In S. Freud. *Standard edition* (Vol. 7, p. 27). London: Hogarth Press, 1978.
- Freud, S. (1915). Pulsiones y destinos de la pulsión. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu, 1979.
- Freud, S. (1931). New introductory lectures on psycho-analysis. In S. Freud. *Standard edition* (Vol. 22). London: The Hogarth Press, 1978.
- Green, A. (1993). Pulsión de mort, narcissisme négatif, fonction désobjetalisante. In A. Green. *Le travail du négatif* (pp. 113-122). Paris: Ed. de Minuit.
- Green, A (1996). La sexualité a-t-elle un quelconque rapport avec la psychanalyse? *Revue Française de Psychanalyse*, 60 (3), 829-847.
- Lacan, J. (1960). Antigone dans l'entre-deux-morts. In J. Lacan. *Le séminaire : Livre VII : L'éthique de la psychanalyse (1959-1960)* (pp. 315-333). Paris : Seuil, 1986.
- Lacan, J. (1970). L'envers de la psychanalyse : 11 mars 1970. In J. Lacan. *Le séminaire : Livre XVII* (pp. 117-135). Paris : Seuil, 1991.
- Laplanche, J. (1986a). De la théorie de la séduction

- restreinte à la théorie de la séduction généralisée. *Études freudiennes*, 27, 7-26.
- Laplanche, J. (1986b). Traumatisme, traduction, transfert et autres tran(es). *Psychanalyse à l'Université*, 11(41), 71-86.
- Masson, J.(1984). *Le réel escamoté*, Paris, Aubier.
- Schreber, D.P. (1903). *Memoires d'un névropate*.(P. Duquenne & N. Sels, trad.). Paris : Seuil, 1975.
- Segal,, C. (1981). *Tragedy and civilization: An interpretation of Sophocles*. Harvard University Press.
- Sophocle (IV siècle A.C.). *Antigone, tragedies*. (P. Masson, trad.). Paris: Gallimard, 1973.
- Steiner, G. (1984). *Antigone*. (P. Blanchard, trad.). Oxford : Clarendon Press; Paris : Gallimard, 1986.
- Tesone, J.E. (1994). Notas psicoanalíticas sobre el incesto consumado: ¿el triángulo deshecho? *Revista de Psicología y Psicoterapia de Grupo*, 17 (1), Páginas 169-187.
- Tesone, J. E. (1998). Une activité peu masculine: L'inceste père-fille. *Revue Française de Psychanalyse*, 62(2), 513-525.
- Tesone, J. E. (2001). *De la théorie de la séduction à la séduction traumatique: L'inceste*. 42ème Congrès de l'IPA, Nice 22-27 Juillet 2001.

Resumo

Neste texto, o autor propõe como produz um efeito traumático a excitação gerada no corpo da menina que sofreu o incesto pela efração da excitação vinda do exterior sem consentimento nem desejo. Tal corpo, que responde de maneira incontrolada à excitação externa, se converte ele próprio em corpo externo, em um desdobramento do Eu. A excitação produzida, sem dúvida, não a faz desejante, pois é uma excitação des-subjetivante. É uma violência agregada à violência da penetração. O desejo não intervém, é um encontro com um acontecimento des-simbolizante, uma excitação roubada, uma fraude, pois dispara a excitação pulsional sem o consentimento do sujeito. O corpo adquire, assim, um caráter de extraterritorialidade, com um foro próprio, que requer ser castigado. Gozo mortífero que destrutura e aniquila a capacidade desejante. O inimigo torna-se não somente o abusador, mas também o próprio corpo vivido com vergonha e até com desprezo. Uma excitação não metaforizada, pura carga, misturada com angústia, porém, excitação, no fim. O prejuízo se faz corpo... no corpo.

Palavras-chave

Corpo. Des-subjetivação. Gozo. Incesto. Mortífero. Sedução. Traumatismo.

Summary

Incest: the stolen body

The author proposes to look at the issue of how the excitement generated in the body of the little girl who suffered incest, an excitement coming from the outside without consent or desire, has a traumatic effect on her. This body, that responds to the excitement coming from outside without control, becomes itself an outside body, as if it were a splitting of the "I". The excitement itself does not make her desirous, since it is an excitement that removes her from her subjectiveness. It is violence aggregated to the violence of penetration. Desire does not interfere, it is an encounter with a dissymbolizing event, a stolen excitement, a fraud, because it triggers the pulsional excitement without the subject's consent. The body thus acquires an extraterritorial character, with a forum of its own, requiring punishment. Mortiferous pleasure unstructures and destroys the capacity to desire. The enemy becomes not only the abuser but also the shameful and despised body itself. An excitement not contained in metaphore, merely a charge, mixed with anguish, nevertheless excitement. The damage becomes embodied... in the body.

Key words

Body. Dessubjectivation. Pleasure. Incest. Mortiferous. Seduction. Trauma.

Juan Eduardo Tesone
Teodoro Garcia 2475/3ºB
Buenos Aires — Argentina
Tel. (54) 11 4780-2781
jetesone@cpsarg.com